UNIVERSIDADE DO BRASIL
MUSEU NACIONAL

Manual de Transcrição Fonética

J. MATTOSO CÂMARA JR.
DA
FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

RIO DE JANEIRO
1957

UNIVERSIDADE DO BRASIL
MUSEU NACIONAL

Manual de Transcrição Fonética

J. MATTOSO CÂMARA JR.
DA
FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

1957
RIO DE JANEIRO

MANUAIS DO MUSEU NACIONAL
Série A — N.º 2

MANUAL DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Êste pequeno manual de transcrição fonética foi preparado por solicitação nossa, para satisfazer um dos pontos básicos do *Programa de Trabalhos da Divisão de Antropologia e Etnografia do* MUSEU NACIONAL; cabe-nos de fato promover, por todos os meios ao alcance da instituição e dentro da melhor técnica científica, um levantamento amplo e generalizado de dados de interêsse antropológico.

Uma grande parte dos dados dessa natureza vem sendo coligida ainda entre nós por pessoal desprovido de formação adequada e que não encontra nem na bibliografia mais accessível e nem mesmo nos cursos regulares uma orientação satisfatória.

Outros manuais serão preparados com essa mesma finalidade, a fim de que nos diferentes setores de investigação antropológica possam os estudiosos em geral, e principalmente aquêles sem formação acadêmica, encontrar um roteiro certo, que assegure um aproveitamento completo dos materiais penosamente coligidos com intenções elevadas e zêlo louvável, mas quase sempre sem os requisitos técnicos indispensáveis.

O autor do *Manual de Transcrição Fonética* é professor de Lingüística Geral da FACULDADE NACIONAL

DE FILOSOFIA e está perfeitamente familiarizado com os problemas da lingüística americana. Só a êle poderia ser confiada a tarefa de preparar êste manual, que vem preencher uma lacuna sensível e certamente contribuirá de maneira decisiva para uma melhoria real da documentação de interêsse lingüístico.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1956.

LUIZ DE CASTRO FARIA
Chefe da Divisão de Antropologia e Etnografia

SUMÁRIO

I — Que se entende por transcrição fonética? 9

II — Como se classificam os sons lingüísticos 19

III — Critério para transcrição fonética..... 33

IV — Aplicações..... 47

I

QUE SE ENTENDE POR TRANSCRIÇÃO FONÉTICA?

Sabemos, por experiência própria, que a linguagem humana funciona como comunicação oral e como comunicação escrita: uma conversa, uma preleção, um debate num clube ou assembléia são exemplos da primeira; uma carta, um artigo de jornal, um livro são exemplos da segunda.

A comunicação escrita se processa por meio do emprêgo de sinais, chamados *letras,* convencionalmente correspondentes aos sons lingüísticos elementares, ou *fonemas,* que constituem a divisão mínima da enunciação oral. Mas, como a escrita é um processo de comunicação paralelo ao da fala, essas letras ganham uma importância própria e não estão jungidas de uma maneira estrita e absoluta aos fonemas, para cuja representação foram criadas. O seu uso na comunicação escrita vem a ser a *grafia,* que, conforme a língua, se aproxima menos ou mais da realidade oral. Em português, a aproximação é bastante grande; mas mesmo assim a nossa escrita tradicional é um sistema com deficiências, redundâncias, imprecisões e falseamentos do ponto de vista de mero registro da enunciação oral: representa-se, por exemplo,

pelo mesmo sinal *e* os sons perfeitamento distintos de *cedo* e *cego;* variamos de letra para representar o mesmo som em *asa* e *azo* ou *faixa* e *facho;* não deixamos precisado a que sílaba pertence o *i* auxiliar numa palavra como *aldeia;* usamos a letra *o* em *mágoa* para um som que no alfabeto é atribuído à letra *u;* e assim por diante.

Essas incongruências se explicam — e em última análise se justificam — do ponto de vista social.

A língua escrita, como meio de comunicação, autônomo da comunicação oral, vem de uma tradição continuada de vários séculos, teve um desenvolvimento próprio, estando suas convenções radicadas por um consenso geral e cristalizadas numa quase imensa literatura. O "choque traumático" de uma racionalização integral seria de tal ordem que não compensaria absolutamente a vantagem de se ter um sistema gráfico perfeitamente adequado ao que se pronuncia, nítido e coerente. Por isso, as "reformas" gráficas são apenas um passo tímido e superficial nesta direção, visando a eliminar as incongruências mais gritantes e mais incômodas. E, ainda assim, provocam perplexidades e perturbações na vida literária e no ensino escolar, e vêm, por isso mesmo, em meio de hesitações, compromissos e contramarchas, que de muito enfraquecem o resultado final.

E' claro, portanto, que a língua escrita, apresentada na grafia usual, é um material inteiramente inadequado para se estudar em sua realidade a língua oral. Por outro lado, é imprescindível fixar na escrita essa realidade para se poder estudá-la detida e objetivamente. Daí o recurso de se apelar para um sistema de registro escrito especial, chamado *transcrição fonética.*

A diferença básica de natureza e propósitos entre a grafia usual e a transcrição fonética é que a primeira apresenta a língua escrita como comunicação lingüística de per si, ao lado da comunicação oral, ao passo que a segunda é um mero registro da comunicação oral e tem, apenas, por objeto dar-nos a respeito uma imagem tão fiel quanto possível.

A *fonética* (do grego φωνη' "voz, som oral"), estudando os sons lingüísticos e a sua concatenação na fala, anota as suas observações em transcrição fonética, e parte do exame da transcrição para formular conclusões sistemáticas.

* * *

Ora, o estudo das variedades populares da língua materna e o das línguas de comunidades ditas "primitivas", como as dos nossos índios, circunscrevem-se necessàriamente à comunicação oral: nas comunida-

des primitivas não existe a comunicação escrita, e nos meios sociais em que se usa uma variedade popular da língua materna, a comunicação escrita, que se pode até, não raro, quase dizer atrofiada, procura fundamentar-se na língua culta comum da nação e só indiretamente, pelos erros cometidos, deixa transparecer qualquer coisa da realidade oral da variedade lingüística popular subjacente.

Por conseguinte, um e outro estudo deve ser feito na base de uma transcrição fonética, pondo-se de lado a grafia usual.

Essa necessidade é tanto mais imperativa, quanto as variedades populares da língua materna apresentam em regra sons próprios ou, pelo menos, possuem muitos dos sons da língua comum com certos traços articulatórios não pressupostos no valor convencional das letras do alfabeto usual. Nestas condições, circunscrevermo-nos a êsse alfabeto e implìcitamente às relações de valores sônicos, que nêle vigoram, é deformar o registro do que se ouve, ou, pelo menos, descambar numa imprecisão perturbadora.

Em referência a línguas de comunidades primitivas, como as dos nossos índios, a absoluta impropriedade da grafia usual portuguêsa ainda mais salta aos olhos, pois todo o sistema de sons lingüísticos dessas línguas é essencialmente distinto, em sua natureza

e em suas relações articulatórias, do que possuímos em português. A nossa língua só abrange uma parcela mínima dos sons lingüísticos possíveis de ser utilizados na linguagem humana, e o nosso alfabeto, criado e consolidado para êles, não serve para o registro de línguas fundamentalmente diversas.

* * *

Convém agora salientar que os sons lingüísticos possíveis de ser utilizados na linguagem humana, malgrado a sua desmesurada variedade, coordenam-se em tipos gerais, que a fonética depreende e sistematiza. A razão está em que êles são produzidos por um aparelho fonador (pulmões, traquéia com a laringe; bôca com a língua, o véu palatino, o palato duro, os dentes, os lábios; nariz com as fossas nasais) que é um conjunto anatômico permanente do corpo humano, e que os movimentos mínimos, ou *articulações*, imprimidos nesses diversos órgãos, assim comuns a tôda a humanidade, podem ser previsíveis *a priori* pelo conhecimento dos órgãos que os determinam.

E' possível, portanto, na base dos tipos gerais de sons lingüísticos, criar sistemas de transcrição fonética aplicáveis às línguas humanas em geral, embora em cada caso com certas modificações de detalhe.

Êsses sistemas variam de acôrdo com o critério adotado no que se refere aos seus sinais ou letras.

Alguns preferem estabelecer uma letra para cada fonema possível, inventando letras novas, encampando letras de alfabetos diversos do nosso latino, alterando a forma de letras latinas para de cada uma delas obter duas, três ou quatro novas. Outros apelam para um sistema de sinais diacríticos, sobrepostos, sotopostos ou apostos às letras latinas. Outros, finalmente, não hesitam em combinar duas ou mais letras para apresentar com êsse grupo (*dígrafo*) um único fonema.

Teòricamente, o primeiro critério é o melhor; mas exige uma série de tipos de imprensa correspondentes para o pesquisador poder imprimir em artigo ou livro o seu estudo. Num país de atividade tipográfica pobre, como o Brasil, essa espécie de transcrição fonética bloqueia a divulgação dos trabalhos pela imprensa, e deve, por isso, ser posta de lado em virtude dos inconvenientes práticos que acarreta.

O ideal, do ponto de vista prático e econômico, é adotar um sistema que aproveite ao máximo os recursos tipográficos comuns e a êles se restrinja. Para isso, pode-se combinar o processo de sinais diacríticos com o dos dígrafos, a fim de multiplicar o mais intensamente possível o alfabeto latino. Por outro lado, no

uso dêsse alfabeto desvencilham-se as letras, em princípio, dos seus valores tradicionais, dando-se a cada uma um valor novo, uno e bem definido.

Resultará daí um sistema de transcrição fonética eclético, aplicável de maneira geral a variedades populares da língua portuguêsa ou a línguas índias, com as modificações de detalhe que, de início, aqui se ressalvou serem freqüentemente necessárias.

* * *

Essas modificações de detalhe dependem, aliás, do intuito com que fazemos a transcrição fonética.

A enunciação oral é cambiante e variável de indivíduo para indivíduo ou mesmo num mesmo indivíduo em ocasiões diversas. Por outro lado, os sons lingüísticos são fàcilmente alterados pela contigüidade ou até proximidade de outros sons. Assim, para cingir-se à realidade oral em tôda a sua complexidade, a transcrição fonética tem de ser também complexa, cambiante e variável; é o que se chama uma *transcrição fonética estrita.*

Dentro dessa incerta variedade há, entretanto, uma como que pauta subjacente: variados sons giram, por assim dizer, em tôrno de pontos fixos ou sons nucleares, em função dos quais se caracterizam acústi-

ca e articulatòriamente. São êsses sons nucleares (recebem o nome de *fonemas*) que constituem o sistema de sons da língua dada; é pela sua identificação que se processa a compreensão do que se ouve. As variedades que apresenta cada fonema, de enunciação para enunciação, — dá-se-lhes o nome de *variantes* (1) — têm evidentemente importância para o registro, mas podem ser ignoradas quando o intuito é apenas anotar a enunciação naquilo que ela tem de nuclearmente característico; neste caso, faz-se uma *transcrição fonética lata*, que é a transcrição esquemática dos fonemas. Por ela registra-se apenas o que serve para distinguir a enunciação de outra de sentido diverso e permite a compreensão do ouvinte .

A transcrição fonética estrita apresenta diversos graus, conforme cinge menos ou mais a realidade oral.

A menos estrita é a que apenas registra as variantes decorrentes da influência dos sons contíguos ou próximos do fonema numa enunciação dada, isto é — as *variantes posicionais*. Assim, em português, registrar-se-á com letra diversa o *l* de *mal*, que é articulado no fundo da bôca, a fim de distinguí-lo do *l* de *lá*, que é de articulação dental; a razão da diferença está em que o primeiro vem depois da vogal da

(1) Usa-se também o nome **alofones.**

sílaba (é posvocálico), ao passo que o segundo vem antes dessa vogal (é prevocálico).

Já mais estrita é a transcrição que procura registrar as diferenças de articulação que às vêzes se verifica para um mesmo fonema, conforme o indivíduo, ou num mesmo indivíduo, conforme fala com mais ou menos cuidado. Assim, o *r* forte em português, de *êrro* por exemplo, pode ser articulado no fundo da bôca, ou, junto dos dentes, com uma prolongada vibração da ponta da língua; anàlogamente, conforme falamos com mais ou menos cuidado, articulamos plenamente o *r* final das palavras ou o reduzimos a uma espécie de aspiração (*amáh* em vez de *amar*). Essas diferenças de articulação de um fonema constituem as suas *variantes livres*.

Temos finalmente uma transcrição fonética das mais estritas, quando se procura registrar as diferenças de articulação determinadas pelo estado emocional ou pelo esfôrço para impressionar o ouvinte (*variantes estilísticas*), como quando em português prolongamos a articulação de uma vogal (*nãão*) ou fazemos vibrar prolongadamente a língua para o *r* final, que, em circunstâncias comuns, se articula com uma vibração rápida e momentânea, ou quando enunciamos um *p* "soprado", isto é, acompanhado de uma forte expiração de ar, para efeito de ênfase.

O sistema de transcrição fonética para uma língua dada deve partir do intuito de uma transcrição lata. Nesta base, multiplicar-se-ão os sinais, em maior ou menor número, para o fim dos diversos graus de transcrição estrita.

II

COMO SE CLASSIFICAM OS SONS LINGÜÍSTICOS

A primeira divisão que nos fornecem para os sons lingüísticos o conhecimento do aparelho fonador e o dos movimentos articulatórios dos seus órgãos, é entre sons lingüísticos que são *vogais* e sons lingüísticos que são *consoantes*.

Entende-se por vogal um som em que os órgãos fonadores da bôca, em seu movimento, não criam embaraço à corrente de ar, vinda dos pulmões, mas apenas por seu movimento a fazem passar numa cavidade oral de formato especial, que determina a produção de um som característico. Entende-se, ao contrário, por consoante um som em que houve embaraço à corrente de ar por parte de um ou mais de um órgão fonador da bôca, quer pela compressão da corrente de ar em sua passagem, quer pela momentânea interrupção da corrente, da maneira total ou parcial.

Daí resulta para a vogal um efeito acústico musical, e para a consoante um efeito acústico, não musical, de ruído, que pode ser de atrito (se houve compressão da corrente de ar) ou de "plosão" (se a corrente de ar foi interrompida, quer predomine o ruído

do momento da interrupção, isto é, a implosão, quer o do momento da liberação, isto é, a explosão).

Na enunciação, êsses sons lingüísticos elementares vêm integrados num conjunto que dá ao nosso ouvido uma impressão de unidade e que tem o nome de *sílaba*. Aí há um som elementar que é o centro ou ápice do conjunto e se diz um *silábico*, isto é, capaz de constituir sílaba; os demais integram-se nêle como seus *assilábicos*.

A tendência geral da linguagem humana é de fazer as vogais funcionarem como silábicos e as consoantes como assilábicos; em português, por exemplo, só as vogais podem ser silábicos. Mas trata-se de uma tendência e não de uma regra absoluta; em muitas línguas há consoantes que também funcionam como silábicos; e, por outro lado, em qualquer língua (inclusive em português) temos vogais assilábicas, que se combinam com uma silábica para formar o *ditongo*.

* * *

A primeira divisão das vogais resulta da circunstância de serem elas produzidas na parte anterior da bôca, mediante um movimento de avanço da língua, ou na parte posterior da bôca, quando a língua é

jogada para trás. Temos assim as *vogais anteriores* e as *vogais posteriores* (2). Uma vogal intermédia é a chamada *vogal neutra* (como o *e* francês na pronúncia clássica), em que a língua fica quase em posição de indiferença.

Uma segunda divisão decorre da colaboração dos lábios na produção da vogal, conforme êles se arredondam, "labializando" a articulação, ou se distendem, sem imprimir ao som o efeito acústico que determinaria o arredondamento. Assim, as vogais, tanto as anteriores como as posteriores, podem ser *arredondadas*, ou *labializadas*, e *não-arredondadas*, ou *não-labializadas*.

No alfabeto latino, há apenas letras para representar as vogais anteriores não-arredondadas (*a, e, i*) e as posteriores arredondadas (*o, u*). Por isso, em inglês, grafa-se mesmo com *u* uma vogal posterior não-arredondada (ex.: *but* "mas") e em francês uma vogal anterior arredondada (ex.: *lune* "lua").

Uma terceira divisão provém da elevação gradual da língua no seu movimento de avanço ou recuo; as vogais, tanto anteriores como posteriores, podem assim ser *baixas*, *médias* ou *altas*, conforme a língua

(2) Também são chamadas, respectivamente, **palatais e velares**, porque, nas anteriores, a língua avança na direção do palato duro e, nas posteriores, recua na direção do véu palatino.

avança ou recua sem se elevar, eleva-se até certo ponto, ou eleva-se ao máximo possível sem determinar um ruído de atrito. Se a elevação é tal que produz êsse ruído, temos uma consoante do tipo que é representado por *j* em alemão (*i* consoante; ex.: *jemand* "alguém") ou do tipo que é representado por *w* em inglês (*u* consoante; ex.: *war* "guerra").

E' claro que entre a vogal baixa e a vogal alta há uma gradação de vogais médias, em princípio. Em português, *a* é vogal baixa, *i* e *u* são vogais altas, *e* e *o* são médias com uma gradação que se assinala na grafia, em certos casos, pelos sinais diacríticos do acento agudo (') e do circunflexo (^) (ex.: *sê sé; avô, avó*). Em francês há uma gradação da vogal média anterior arredondada, que não se assinala na grafia, onde a vogal é representada pela combinação das letras *e* e *u* (ex.: *feu* "fogo", elevação maior da língua; *peur* "mêdo", elevação menor da língua).

Uma quarta divisão é conseqüência da menor ou maior duração do som vocálico pela menor ou maior manutenção dos órgãos fonadores na posição necessária para produzir o som. Assim, as vogais podem ser *breves* ou *longas*, admitindo-se até uma gradação em *semibreves* ou *semilongas*.

Em grego e latim tôda vogal podia ser breve ou longa, e em grego, para o *e* e o *o*, havia letras especiais distinguindo *e breve* (epsilon: ε), *e* longo (eta: η), o breve (omicron: *o*), o longo (omega: ω). Para o resto das vogais em grego e para tôdas em latim não se fazia distinção gráfica, salvo na exposição gramatical, onde se apelava para os sinais diacríticos sobrepostos-branquia (˘) para a vogal breve, e macron (¯) para a vogal longa; assim, na exposição gramatical latina, escreve-se *amāre* "amar", mas *mărе* "mar".

Portanto, numa transcrição fonética, é preciso levar em conta a distinção das vogais em — anteriores, posteriores, (ou vogal neutra); arredondadas, não-arredondadas; baixas, médias (com gradações), altas; breves, longas (com possíveis gradações).

* * *

Nestas considerações, até aqui, só levamos em conta a vogal como silábico; mas é claro que a transcrição fonética precisa de um meio para assinalar a vogal assilábica, como o *i* do português *pai*, por exemplo, ou o *u* do português *pau* ou do português *qual*.

Também só levamos em conta a vogal que é exclusivamente produzida na bôca ou câmara bucal.

Ora, há em muitas línguas vogais em que a corrente de ar se desvia para as fossas nasais, ressoando na câmara nasal concomitantemente com o seu som

oral. São as vogais ditas *nasais,* de que temos exemplos em português, em cuja grafia o seu sinal distintivo é o til (˜) sobreposto à letra vogal (ex.: *lã*) ou uma consoante nasal (*m, n*) em seguimento à letra vogal (ex.: *som, dança, campo*). A razão desta segunda maneira de representar a vogal nasal está na circunstância de que a vogal nasal não é um som vocálico puro; a ressonância nasal tem um valor consonântico, e em português, quando a vogal nasal não está em fim de vocábulo (ou, mais rigorosamente, diante de pausa), acompanha-a um ligeiro resíduo de consoante nasal.

Finalmente, é preciso atentar que as vogais dos segmentos fônicos, com unidade de sentido, chamados *vocábulos,* não são enunciadas com um relêvo uniforme. Há, em regra, uma mais relevante, caracterizando-se a sua sílaba por essa relevância na pronúncia, ou *acento.*

O acento pode ser uma maior intensidade ou fôrça de enunciação (acento de intensidade), ou uma maior elevação ou altura da voz (acento de altura). Em português funciona o acento de intensidade, que a grafia, em certos casos, representa, recorrendo aos sinais diacríticos do sinal de acento agudo (´) e do de acento circunflexo (ˆ), os quais concomitantemente assinalam uma gradação na elevação da língua.

Assim, na transcrição fonética, torna-se necessário um meio para caracterizar-se a vogal assilábica, a vogal nasal e a vogal acentuada.

* * *

Em referência às consoantes, há três tipos de circunstâncias que concomitantemente as caracterizam: 1) a atuação, na laringe, das chamadas *cordas vocais,* que podem juntar-se ou manter-se afastadas à passagem da corrente de ar; 2) a natureza do movimento dos órgãos bucais que determinam o ruído consonântico, unindo-se e assim determinando a interrupção momentânea da corrente de ar, ou apenas aproximando-se estreitamente e assim determinando apenas a compressão da corrente; 3) a espécie de órgãos fonadores que participam do movimento articulatório bucal. A primeira circunstância estabelece o *gênero* da consoante, a segunda a sua *ordem,* a terceira a sua *classe.*

A divisão essencial das consoantes quanto ao gênero é entre *surdas* e *sonoras.* Nas primeiras as cordas vocais mantêm-se afastadas e não vibram à passagem da corrente de ar; nas segundas (tal qual sucede com as vogais) as cordas vocais, unindo-se, entram em vibração, imprimindo à corrente de ar um

como que som musical ou sonoridade. E' a natureza de surda e sonora que distingue em português os pares de consoantes *p*:*b*, *t*:*d*, *q*:*g*, *s*:*z*, *x*:*j*.

Quanto à ordem, as consoantes podem ser, antes de tudo, *plosivas* (também ditas *oclusivas*) ou *fricativas* (também ditas *constritivas*). Nas primeiras, há interrupção da corrente de ar, com o fechamento ou oclusão de um ponto da bôca, daí resultando o efeito acústico da *plosão*, a que já nos referimos (p. 19). Nas segundas, há compressão da corrente de ar (constrição dos órgãos fonadores), daí resultando um efeito de atrito ou *fricção*.

Mas o problema não se resolve apenas com esta divisão primária.

Há o caso da oclusão bucal com liberação da corrente de ar pelas fossas nasais, criando a ordem das consoantes *nasais*, como em português *m*, *n*.

Há a oclusão parcial na bôca, com que não se dá interrupção da corrente de ar e a consoante adquire um caráter especial, chamando-se *líquida* (por comparação com um líquido que se desvia diante de um obstaculo). A consoante líquida, por excelência, é o *l*, em que a língua toca parcialmente os dentes ou o céu da bôca e a corrente de ar se escapa pela zona em que não há contacto. Também se inclui nesta ordem o *r*, produzido por um movimento de vibração da língua.

Há ainda a possibilidade de uma ordem mista, em que a consoante começa como oclusiva e termina fricativa em virtude de se dar a perda de contacto dos órgãos fonadores no curso da emissão. Temos assim as consoantes *africadas*, de que são bons exemplos as consoantes inglêsas que encontramos em *church* "igreja" (africada surda) e *judge* "juiz" (africada sonora).

Por outro lado, à articulação essencial da consoante pode acrescentar-se uma modificação complementar, tal como — a glotalização, a aspiração, a palatalização, a labialização.

Na glotalização há uma oclusão brusca das cordas vocais na laringe, acompanhando a articulação oclusiva bucal, e a consoante fica *glotalizada*. Em certas línguas, essa oclusão glotal funciona por si, criando um tipo especial de consoante, a saber — a oclusão glotal (al. *Knacklaut*, ing. *glottal stop*).

Na aspiração, a oclusão bucal é acompanhada de um forte sôpro, ou *aspiração*, que, como a oclusão glotal, pode funcionar por si, estabelecendo um efeito acústico que precede uma vogal (dita então *aspirada* ou com *espírito rude*) ou a ela se segue. Em grego o espírito rude, diante de vogal inicial de vocábulo, ou como complemento do *r*, era representado na escrita por um apóstrofe convexo (῾); e em latim, onde exis-

tiu na fase arcaica da língua diante de vogal inicial, a grafia indicava a aspiração pela letra *h*, como sucede em inglês (cf. ing. *hark* "atenção" com *ark* "arca"). Em sânscrito havia uma série de oclusivas aspiradas, que na transposição para o alfabeto latino se assinalam por um *h* depois da letra consoante (cf. *phala* "fruto").

A palatalização consiste num desdobramento do dorso da língua na parte anterior do palato duro, ou formando-se um canal com o efeito acústico de chiamento (consoante *chiantes*) ou com um contacto em que a língua se afrouxa ou amolece numa impressão de "molhamento" (consoantes *molhadas*) (3). Em português temos as chiantes — uma surda, representada ora por *ch*, ora por *x* (*fecho, feixe*), outra sonora, representada por *j* ou, diante de *e* ou *i*, também por *g* (*já, hoje, gente*); temos anàlogamente uma nasal molhada, representada por *nh*, e uma líquida molhada, representada por *lh* (ex.: *anho, ilha*).

A labialização, finalmente, consiste num arredondamento dos lábios, concomitante com a articulação de uma oclusiva no fundo da bôca; não é o caso que

(3) Aliás, a designação originária, fr. **mouillement**, ou **mouillure** equivalia a "amolecimento"; mas houve uma interpretação falsa, sugestionada provàvelmente pelo aspecto amolecido de um sólido empapado de água.

se encontra em português (em *qual*, por exemplo), pois aí há articulações sucessivas — uma consoante oclusiva seguida de uma vogal assilábica labializada.

E' em relação aos órgãos fonadores interessados na articulação que as consoantes apresentam maior complexidade e multiplicidade de classificação.

As *classes* consonantais são pràticamente inúmeras, pois dependem de pequenas diferenças de zona articulatória as pequenas — mas muitas vêzes importantíssimas — diferenças de efeito acústico no sistema de consoantes de uma língua dada. Podemos considerar inviável um quadro geral das classes de consoantes possíveis de existirem na linguagem humana. Qualquer método de transcrição fonética tem de deixar em aberto as representações de muitas e variadas classes, encontráveis em princípio.

E' preciso não esquecer, todavia, que há três classes fundamentais, em que quaisquer outras necessàriamente se enquadram: 1) as labiais, em que a língua não funciona como órgão articulador; 2) as linguais anteriores, ou ântero-linguais, em que a parte anterior da língua se coarticula com a parte anterior do céu da bôca; 3) as linguais posteriores, ou póstero-linguais, em que a parte posterior da língua se coarticula com a parte posterior do céu da bôca.

Quanto à primeira classe fundamental, há no alfabeto latino representação para as plosivas labiais (respectivamente surda e sonora) *p* e *b*, bem como para duas fricativas dentilabiais (também respectivamente surda e sonora), em que a arcada dentária superior roça o lábio inferior — *f* e *v*.

Para as anteriores temos as plosivas dentais, surda e sonora, *t* e *d*, em que a interrupção da corrente de ar resulta do contacto do bordo da língua com a parte interna da arcada dentária superior, e as fricativas, surda e sonora, *s* e *z*.

Para as posteriores é muito comum uma plosiva surda, que muitas línguas representam por *k* e em português aparece indicada por *c* diante de *a, o, u* e por *q*, acompanhado de um *u* (que ora assinala um *u* assilábico, ora não tem valor fonético) diante de *e, i*, ou diante de outra vogal completamentada por um *u* assilábico (ex.: *casa, côr, custo, querer, freqüente, quantia*). A sonora correspondente é representada pela letra *g;* mas na grafia portuguêsa escreve-se *gu* diante de *e, i*, porque o *g* simples diante dessas vogais representa uma fricativa chiante sonora, representada mais comumente por *j* (ex.: *gente,* como *jeito, já*).

Dentro das labiais convém levar em conta, num sistema de transcrição fonética, as labiais pròpriamente ditas e as dentilabiais, aproveitando-se as letras *p, b, f, v*.

Dentro das linguais anteriores, são comuns as distinções entre as — dentais, as alveolares, e, já no palato duro, as pré-palatais e as médio-palatais.

Dentro das linguais posteriores, há também freqüentemente distinção entre as pós-palatais (articuladas com a parte posterior do palato duro), as velares (articuladas no véu palatino) e as faucais (articuladas à entrada da garganta), como as chamadas "laringeais" das línguas semíticas.

E' fácil compreender como o alfabeto latino é pobre para enfrentar a tarefa da representação das classes consonantais. Mesmo na grafia das línguas ocidentais, onde é utilizado, aparecem consoantes para que não há letra privativa, e recorre-se a dígrafos ou usam-se desviadas do seu valor originário certas letras, que assim têm, conforme a língua, valores muito diversos. O *x* e o *j* em português, por exemplo, indicam fricativas chiantes (surda e sonora), mas alhures a convenção gráfica, vigente para essas letras, é outra.

III

CRITÉRIO PARA TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Vimos que o melhor critério para a transcrição fonética é aproveitar ao máximo as letras do alfabeto latino, ou melhor, ocidental, e multiplicar os meios de representação pelo uso de sinais diacríticos, compatíveis com os recursos tipográficos comuns.

E' conveniente, portanto, fazer um balanço das letras de que dispomos, e dos valores que lhes são atribuídos nas diversas grafias das línguas ocidentais (4).

Vogais:

a: anterior não-arredondada baixa.

e: anterior não-arredondada média.

i: anterior não-arredondada alta.

y: anterior não-arredondada alta assilábica; anterior arredondada alta; "iod", isto é, um som francamente consonantal em virtude da elevação exagerada da língua numa articulação em tudo semelhante à da vogal anterior não-arredondada alta.

---

(4) Não levamos em conta valores que se podem dizer extravagantes, como o de **u** no fr. **lune** ou ing. **but.**

o: posterior arredondada média.
u: posterior arredondada alta.
w: posterior arredondada alta assilábica; "uau", isto é, um som francamente consonantal em virtude da elevação exagerada da língua numa articulação em tudo semelhante à da vogal posterior arredondada alta; consoante fricativa dentilabial sonora (noutras grafias representada por v).

Consoantes:

p: plosiva labial surda.
b: plosiva labial sonora.
m: (plosiva) nasal labial (sonora).
f: fricativa dentilabial surda.
v: fricativa dentilabial sonora (noutras grafias representada por w).
t: plosiva dental surda.
d: plosiva dental sonora.
n: (plosiva) nasal dental (sonora).
s: fricativa dental surda (esporàdicamente, conforme a grafia, em certas posições representa a sonora).
z: fricativa dental sonora; africada dental sonora (começa como /d/ e acaba como /z/).
x: fricativa palatal chiante surda (isto é, fricativa dental palatalizada surda); fricativa velar surda.

j: fricativa palatal chiante sonora; fricativa palatal (decorrente de uma exagerada articulação da língua numa articulação semelhante à vogal anterior não-arredondada alta); fricativa velar sonora.
k: plosiva pós-palatal, velar ou faucal surda.
q: plosiva pós-palatal, velar ou faucal surda.
c: plosiva pós-palatal, velar ou faucal surda (esporàdicamente, conforme a grafia, em certas posições — fricativa dental surda; africada dental palatalizada surda).
g: plosiva pós-palatal, velar ou faucal sonora (esporàdicamente, conforme a grafia, em certas posições — fricativa palatal chiante sonora; africada dental palatalizada sonora).
l: líquida, estritamente dita, mais comumente dental.
r: líquida vibrante (com os mais variados pontos de articulação).
h: aspiração.

Assim, é preciso, de início, fazer a escolha do valor uno para as seguintes letras: y, w, z, x, j, c, pois a s, g é claro que convém dar o valor que essas letras regularmente têm, desprezando-se o seu valor esporádico em certas grafias. Ora, convém desprezar o valor africado e o palatalizado, pois o africamento e a palatalização se podem

indicar, de maneira sistemática e coerente, por sinal diacrítico ou dígrafo.

Nestas condições, ficam com um só valor:

x: fricativa velar surda.

j: fricativa velar sonora.

O assilabismo da vogal, puro e simples, também pode ser representado por sinal diacrítico, o que permite dar ao y e ao w, respectivamente, o valor de iod e de uau.

Como plosiva posterior surda convém fixar o k, como letra cômoda e geral nesse valor, pondo-se de reserva o q e o c.

Por aí se verifica como são incompletos e fragmentários os meios de representação gráfica que nos fornecem as letras do alfabeto latino em face de um quadro geral e compreensivo dos sons lingüísticos.

A própria grafia das línguas ocidentais tem apelado para recursos suplementares, como a cedilha no c (ç), o til nas vogais nasais ou no *n* palatalizado (ã etc., ñ) ou como os dígrafos (assim, na grafia portuguêsa — ch, nh, lh, ss, rr). Também nas vogais os sinais diacríticos de acento agudo, grave e circunsflexo servem para assinalar gradações de elevação da língua nas vogais médias. Por outro lado, o trema serve para representarem-se com as letras usuais as

anteriores arredondadas e as posteriores não-arredondadas (cf. ö em alemão).

* * *

E' claro que, na transcrição fonética para as vogais, convém partir da divisão primária em — vogais anteriores (não-arredondadas, arredondadas), vogais posteriores (arredondadas, não-arredondadas).

O alfabeto latino fornece letras para as vogais anteriores não-arredondadas (a, e, i); essas letras com trema sobreposto representarão fàcilmente vogais posteriores não-arredondadas (ä, ë, ï). Para as vogais posteriores arredondadas temos as letras o, u; com o trema a elas sobreposto representar-se-ão vogais anteriores arredondadas (ö, ü).

Em cada uma dessas séries é pobre a diferenciação gráfica quanto à elevação da língua, de que resultam vogais altas, médias, baixas. Para as vogais anteriores há 3 letras para cada um dêsses 3 tipos; mas as gradações dentro de cada tipo, quando importantes, têm de ser indicadas por sinais diacríticos. Com mais razão são necessários sinais diacríticos para as vogais posteriores, onde só dispomos de letra para o tipo de posterior média e o tipo de posterior alta (o, u).

O uso do trema para as anteriores arredondadas e as posteriores não-arredondadas dificulta o uso de sinal diacrítico, sobreposto à letra, para as gradações da elevação da língua, porque em tipografia comum não há possibilidade prática de sobrepor dois sinais diacríticos a uma letra.

Como quer que seja, já temos um conjunto de meios para transcrição fonética, que é suficiente em muitas línguas.

Vogal anterior não-arredondada baixa: a.
Vogal anterior não-arredondada média: e.
Vogal anterior não-arredondada alta: i.
Vogal posterior não-arredondada baixa: ä.
Vogal posterior não-arredondada média: ë.
Vogal posterior não-arredondada alta: ï.
Vogal posterior arredondada média: o.
Vogal posterior arredondada alta: u.
Vogal anterior arredondada média: ö.
Vogal anterior arredondada alta: ü.
Para a vogal neutra podemos adotar um símbolo, tipogràficamente mais accessível de que um *e* invertido, também muito usual, e teremos: e_o.

Resta escolher meios diacríticos de indicar — a gradação maior da elevação da língua, a duração da vogal, o assilabismo.

Para a primeira característica, pode-se adotar um ponto e dois pontos, ao lado das vogais médias, para indicar uma maior gradação na elevação da língua: /e/, vogal média pouco elevada (muito aberta); /e./ vogal média mais elevada (aberta); /e:/, vogal média muito elevada (fechada).

Para a duração longa, servirá um hífen junto à vogal a fim de assinalar vogal em língua onde há contraste entre vogal longa e vogal breve: e, vogal breve; e- vogal longa.

Para o assilabismo é suficiente usar um tipo de letra menor no alto e ao lado da vogal silábica: assim, em português, se terá para *pai* a transcrição /pa^{i}/, para *qual* a transcrição /q^{u}al/.

Resta o problema das vogais nasais; como há aí em princípio um resíduo consonântico nasal (embora muitas vêzes anulado) uma boa solução é acrescentar à letra vogal um *n* entre parênteses; assim, em português, *lã* ficará /la(n)/, *dançar* ficará /da(n)sar/; *bem*, em transcrição lata /be(n)/, em transcrição estrita [be^{i}(n)].

Também é forçoso abrir mão de sinais do tipo do acento agudo, sobreposto à letra, para indicar a vogal tônica. O problema se resolve fàcilmente, porém, pelo uso de uma aspa encurvada, ao alto, pre-

cedendo a sílaba tônica: /'pa/"pá", /'kara/"cara", /ka'ra/"cará", em português por exemplo.

* * *

Na transcrição fonética para as consoantes, convém partir das letras latinas, que nos dão meio de representar certas consoantes segundo o gênero, a ordem e classe.

Com isso, já se tem um processo de transcrição suficiente nas línguas que não conhecem a glotalização, a palatalização, a labialização, a consoante africada e a consoante aspirada.

Plosivas: labiais — surda: p; sonora: b.
ântero-linguais — surda: t; sonora: d.
póstero-linguais — surda: k; sonora: g.

Fricativas: labiais — surda: f; sonora — v.
ântero-linguais — surda: s; sonora — z.
póstero-linguais — surda: x; sonora — j.

Nasais: labial — m.
ântero-lingual — n.
póstero-lingual — ñ.

Líquidas: lateral — l.
vibrante — r.

E' claro que êsse quadro é bastante pobre e insuficiente para um enorme número de línguas, pois há possibilidade de mais de um tipo de ântero-linguais e de póstero-linguais, e mesmo de labiais (cf. a distinção entre labial e dentilabial, por exemplo). Em relação às líquidas, sabe-se como são variados os espécimes de laterais e vibrantes (lateral anterior, média, anterior velarizada, velar; vibrante rolada, anterior ou posterior ou francamente uvular; vibrante fricativa em várias posições bucais).

No português dialetal, cumpre especialmente levar em conta nas fricativas anteriores a distinção entre o tipo /s:z/, de caráter dental e silibante, e uma fricativa cacuminal, em que a ponta da língua se eleva para a gengiva ou mesmo para a borda inicial do palato duro; alhures, como em inglês, a distinção entre o tipo dental /s:z/ e o interdental, que a ortografia inglêsa representa por *th* (cf. *tin* "estanho", *thin* "delgado", *sin* "pecado"). Para isso, o alfabeto latino ainda nos fornece a letra *c*, que abandonamos no quadro anterior, sendo que o *c* cedilhado (ç) permite caracterizar na cacuminal ou interdental, conforme a língua, a consoante sonora em face da surda: ing. /'re:c/), isto é, *wreath* "grinalda" mas /re:ç/, isto é, *wreathe* "engrinaldar"; port. dial. /'pre:co/, isto é, "preço", mas /'pre.ço/, isto é, "prezo".

cedendo a sílaba tônica: /'pa/"pá", /'kara/"cara", /ka'ra/"cará", em português por exemplo.

* * *

Na transcrição fonética para as consoantes, convém partir das letras latinas, que nos dão meio de representar certas consoantes segundo o gênero, a ordem e classe.

Com isso, já se tem um processo de transcrição suficiente nas línguas que não conhecem a glotalização, a palatalização, a labialização, a consoante africada e a consoante aspirada.

Plosivas: labiais — surda: p; sonora: b.
ântero-linguais — surda: t; sonora: d.
póstero-linguais — surda: k; sonora: g.

Fricativas: labiais — surda: f; sonora — v.
ântero-linguais — surda: s; sonora — z.
póstero-linguais — surda: x; sonora — j.

Nasais: labial — m.
ântero-lingual — n.
póstero-lingual — ñ.

Líquidas: lateral — l.
vibrante — r.

E' claro que êsse quadro é bastante pobre e insuficiente para um enorme número de línguas, pois há possibilidade de mais de um tipo de ântero-linguais e de póstero-linguais, e mesmo de labiais (cf. a distinção entre labial e dentilabial, por exemplo). Em relação às líquidas, sabe-se como são variados os espécimes de laterais e vibrantes (lateral anterior, média, anterior velarizada, velar; vibrante rolada, anterior ou posterior ou francamente uvular; vibrante fricativa em várias posições bucais).

No português dialetal, cumpre especialmente levar em conta nas fricativas anteriores a distinção entre o tipo /s:z/, de caráter dental e silibante, e uma fricativa cacuminal, em que a ponta da língua se eleva para a gengiva ou mesmo para a borda inicial do palato duro; alhures, como em inglês, a distinçao entre o tipo dental /s:z/ e o interdental, que a ortografia inglêsa representa por *th* (cf. *tin* "estanho", *thin* "delgado", *sin* "pecado"). Para isso, o alfabeto latino ainda nos fornece a letra *c*, que abandonamos no quadro anterior, sendo que o *c* cedilhado (ç) permite caracterizar na cacuminal ou interdental, conforme a língua, a consoante sonora em face da surda: ing. /'re:c/), isto é, *wreath* "grinalda" mas /re:ç/, isto é, *wreathe* "engrinaldar"; port. dial. /'pre:co/, isto é, "preço", mas /'pre.ço/, isto é, "prezo".

Para tôdas as demais variações possíveis de tipo nas labiais, anteriores e posteriores, bem como nas líquidas e vibrantes, o recurso cômodo e prático é apelar para uma numeração posta ao lado da letra consoante à maneira dos índices na anotação algébrica: t_1, t_2, t_3, etc.

* * *

Resta debater os recursos para indicar a glotalização, a palatalização, a labialização, a consoante africada e a consoante aspirada, bem como o caso da consonte silábica, isto é, uma consoante que constitui ápice de sílaba em função que cabe mais comumente à vogal.

Comecemos pela consoante silábica, que se refere mais freqüentemente às nasais e às líquidas. A tradição na transcrição fonética é representá-la por um pequeno zero sotoposto. A bem da praticabilidade tipográfica, com os recursos comuns, pode-se deslocar êsse zero para o lado da consoante, como um índice de anotação algébrica: /n_o/, /l_o/, /r_o/.

Se, ao contrário, há um resíduo de vogal neutra, apoiando a consoante, como é mais freqüente com as fricativas, cabe melhor o acréscimo da vogal neutra entre parênteses: /f(e_o)/.

A representação da consoante aspirada está naturalmente ligada à da aspiração, pura, que deve ser a letra *h*, de acôrdo com o nosso critério de aproveitar ao máximo o alfabeto latino; teremos, pois /ph/, /th/, /kh/, etc.

Já na africada podemos recorrer ao mesmo processo que nos serviu para a indicação da vogal assilábica no ditongo. A africada é a rigor um "ditongo" consonântico, no sentido que a articulação muda de qualidade em seu transcurso, como muda de qualidade a prolação vocálica no ditongo: fixaremos, portanto, o valor fricativo final, assinalando o início plosivo da articulação pela consoante plosiva em tipo pequeno ao alto precedendo a letra fricativa /^{t}s/, /^{d}z/ etc. Se se trata, antes, de um grupo de duas consoantes, como no port. *fixo*, escreveremos ao contrário as letras respectivas lado a lado — /'fiksu/.

O mesmo expediente da letra em tipo pequeno, ao alto, serve para a labialização e a palatalização da natureza do molhamento.

No balanço das letras latinas, anteriormente feito, não arrolamos o *y* e o *w*. Mas já ressaltáramos antes que essas letras indicam normalmente, em grafias vigentes, respectivamente, um /i/ consonântico e um /u/ consonântico, em que a língua, excessivamente elevada, determina um ruído consonântico de atrito

(iod e uau). Ora, o molhamento é a integração de de um iod na consoante, da mesma sorte que a labialização é uma integração análoga do uau. Basta, portanto, para o molhamento acrescentar ao lado e ao alto da consoante, em tipo pequeno, um *y* (/t^y/, /l^y/) e para a labialização, nas mesmas condições, um *w* (/k^w/, /g^w/).

Para outro tipo de palatalização, como o das consoantes chiantes, cabe a anotação de uma aspa não encurvada ao lado da consoante: /s'/ para o port. *x* ou *ch*, por exemplo.

Finalmente, a representação da consoante glotalizada está ligada à representação da oclusão glotal (ing. *gottal stop*), que sabemos funcionar, de per si, em muitas línguas. A sua representação tradicional em transcrição fonética é por um sinal de interrogação com o ponto suprimido /ʔ/; no caso da consoante glotalizada, é suficiente acrescentar êsse sinal à letra (/$p^ʔ$/, /$k^ʔ$/ etc.).

* * *

Chegamos, assim, a um sistema de transcrição fonética possível de ser manuseado para as tipografias usuais, embora evidentemente de execução um tanto trabalhosa e morosa. Mas do ponto de vista científico o que interessa é a possibilidade dessa execução, pois

é óbvio que todo trabalho tipográfico científico tem de ser moroso e trabalhoso, e não se admite o sacrifício da precisão e rigor em proveito de uma composição tipográfica rápida e fácil.

O sistema é bastante elástico para permitir transcrição lata ou transcrições estritas, quer de fonemas isolados, quer de vocábulos, quer de textos contínuos.

Convém de início indicar ao leitor se se trata de transcrição lata ou estrita. A primeira, que é a rigor uma transcrição fonêmica (antes que fonética), costuma ser assinalada pelo enquadramento da transcrição entre duas barras inclinadas: /ta(n)'be(n)/ "também". Já a transcrição estrita se caracterizará por vir entre colchetes ['ta: (n)^m'be:^{i}(n)].

Na transcrição de textos contínuos, há o problema das pausas estruturais, isto é, aquelas que concorrem para a articulação dos membros do texto, conforme se trata de vocábulos, grupos fônicos e frases.

Reservando o espaço em branco para a separação dos vocábulos (nas transcrições em que essa separação, isto é, a delimitação vocabular, é para o anotador clara e segura), pode-se utilizar o hífen entre dois espaços (ao contrário do nosso hífen em palavra composta) para a separação dos grupos fônicos, e o travessão para a separação das frases.

IV

APLICAÇÕES

A título de ilustração daremos agora o sistema de transcrição fonética exposto para o português (Rio de Janeiro), francês (Paris), inglês (Londres) e waiwai (rio Essequibo, na Guiana Inglêsa) (5), com vocábulos exemplificativos.

Trata-se, em princípio, de transcrição lata. Em relação ao português, dar-se-á em seguida a transcrição lata de uma pequena frase.

* * *

Português:

Vogais: /a/ /e./ /e:/ /i/ (6)
/o./ /o:/ /u/

Consoantes: /p/ /b/ /t/ /d/ /k/ /g/
/f/ /v/ /s/ /z/ /s'/ /z'/
/m/ /n/ /n^{y}/
/l/ /l^{y}/
/r/

---

(5) Guiamo-nos pelas conclusões das seguintes obras: para o português, J. Mattoso Camara Jr., **Para o Estudo da Fonêmica Portuguêsa** (Rio, 1953); para o francês e inglês, P. Genévrier, **Précis de Phonétique Comparée Française et Anglaise** (Paris, 1927); para o waiwai, W. Neil Hawkins, **A Fonologia da Língua Uaiuai** (S. Paulo, 1952).

(6) Para /i/ e /u/, como **fonemas**, não têm valor diferenças de gradação na elevação da língua.

Vocábulos: /'po.ti/ "pote", /'bo.ti/ "bote", /'to:lu/ "tolo", /'do:lu/ "dolo", /'ko.la/ "cola", /'go.la/ "gola", fe./ "fé", /'vazu/ "vaso", /'s'a/ "chá", (/z'a/ "já", /'mana/ "mana", /'manʸa/ "manha", /rra'lar/ "ralar", /rra'lʸar/ "ralhar", /'aru/ "aro".

Na transcrição lata, não se levam em conta certas variantes posicionais, que complicam o quadro das vogais e das consoantes.

Assim, o /a/ nasal e /a/ átono são nìtidamente posteriores: [a_1]. O /i/ e /u/ átonos finais são uma espécie de [e] e [o] "reduzidos", isto é, um /i/ e /u/ excepcionalmente abertos: [i.], [u.]. Entre as consoantes, o /l/ posvocálico, isto é, fechando a sílaba, é velar: [l_1]; o /r/ posvocálico é fricativo e não pròpriamente vibrante: [r_1]; as plosivas sonoras, quando intervocálicas, têm uma oclusão imperfeita, o que lhes dá um efeito acústico especial: [b_1], [d_1], [g_1] (7).

Francês:

Vogais: /a/ /a./ /e/ /e./ /e:/ /i/
/ö/ /ö./ /ö:/ /ü/
/o/ /o./ /o:/ /u/
/ä/

(7) É um quadro com variantes posicionais que se encontra em A. Nascentes, **O Idioma Nacional**, S. Paulo, 1933, na base da pronúncia do Rio de Janeiro.

Consoantes: /p/ /b/ /t/ /d/ /k/ /g/
/f/ /v/ /s/ /z/ /s'/ /z'/
/ẅ/ /y/ /w/
/m/ /n/ /nʸ/
/l/ /r/

Vocábulos: /a'rab/ 'arabe", /'pa.t/ "patte", /'les/ "laisse", /'se.k/ "sec", /e:'te:/ "été", /'äm/ "âme", /'tor/ "tort", /'mo.d/ "mode", /'ro:z/ "rose", /'muı/ "moule", /'pör/ "peur", /'sö.l/ "seul", /'pö:/ "peu", /'tü/ "tu", /'wi/ "oui", /'ẅit/ "huit", /'briy/ "brille".

* * *

Inglês:

Vogais: /a-/ /a:/ /e-/ /e./ /i-/ /i/
/ä./
/o-/ /o/ /o./ /u-/ /u/
/e_o/ /e_o-/

Consoantes: /p/ /b/ /t/ /d/ /k/ /g/
/f/ /v/ /s/ /z/ /c/ /ç/ /s'/ /z'/ /^{t}s'/ /^{d}z'/
/w/ /wh/ /y/
/m/ /n/ /ñ/
/l/ /r/

Vocábulos: /'fa-çe$_o$/ "father", /'ka:t/ "cat", /'wi-l/ "wheel" /bid/ "bid" /le^{i}t/ "late", /'m^{i}u-t/ "mute", /'put/ "put", /'ga^{u}n/ "gown", /'no^{u}zi/ 'nose", /'^{d}zun/ "June", /'s'e$_o$-^{t}s'/ "church", /'s'uge$_o$/ "sugar" ('ciñ/ "thing" /'çis/ "this".

* * *

Waiwai:

Vogais: /a/ /e/ /i/
/ï/
/o/ /u/

Consoantes: /p/ /t/ /k/
/^{t}s'/
/s/ /s'/
/w/ /y/
/m/ /n/ /n^y/
/r/ /r$_1$/
/h/

Vocábulos: /ky'kwe/ tucano, /s'aka'wa/ caranguejo, /^{t}s'oror$_1$'wa/ andorinha /weh'to/ fogo, /o'yorï/ meu dente, /nu'n^{y}e/ lua, /s'ma'r$_1$i/ ralo de mandioca.

Obs. — Em transcrição estrita, como variantes posicionais, aparecem muitos outros sons, inclusive a oclusão glotal ([ʔ]), que é alofone de /k/.

Transcrição lata de um texto português:

/ko: (n) tras'ta (n) du ko: (n) so: ^{u}za'fra (n) ku — 'vin^{y}a afi'gura dipa'ran^{y}us 'alta i'fo.rti — na^u (n) 'e.pre:'sisu di'ze:lu aumaz'e:ra'sa^u (n) — kiuko:n^{y}e:'es:^{u} iadmi'ro: ^{u} — a'i (n) da 'be.lu irro:'bustu nave:l^{y}isi/ "Contrastando com Sousa Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte. Não é preciso dizê-lo a uma geração que o conheceu e admirou, ainda belo e robusto na velhice" (Machado de Assis).

ERRATA

Na página 50, linha 3, leia-se:

/no^{u}z/; e na mesma página, linha 4: /'^{t}s'e$_o$-^{t}s'/

Composto e impresso
na Oficina Gráfica da
Universidade do Brasil